



Primeiros Passos



Lucas Ramon Porto de Assis

Natura



Lucas Ramon Porto de Assis



2022



Copyright 2022 – Nativa
ISBN 978-65-994379-7-9

Contato com o autor:
lucasramonporto@gmail.com

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

S725c Assis, Lucas Ramon Porto. Primeiros passos (Ad
parnassum). / Lucas Ramon Porto de Assis. – Campina
Grande: Nativa edições, 2022.

ISBN 978-65-994379-7-9

E-book

123 p.

1. Literatura brasileira – 2. Poesia – 3. Poemas. I. Título

21.ed.CDD282 282282

Elaborada por Giulianne Monteiro Pereira CRB 15/714



Primeiros Passos

**Editor**

Lucas Manoel Freire Monteiro Cabral

Conselho Editorial

Luíra Freire Monteiro

Flávio Carreiro de Santana

Emerson Marcelino Alves Silva

Conselho Científico

Bruno Rafael de A. Gaudêncio (ALCG)

Eliton S. Medeiros (UFPB)

Flaubert Barros Leira (HGPP)

Flávio Carreiro de Santana (NUPEHL)

Jordan Queiroz Gomes (NUPEHL)

José Edmilson Rodrigues (ALCG)

Lucira Freire Monteiro (UEPB)

Luíra Freire Monteiro (UEPB)

Luiz Carlos dos Santos (IHGAN)

Maria Ida Steinmuller (IHCG)

Pedro César Coelho (UEPB)

Thélio Queiroz Farias (ALCG)

Thuka Kércia Morais de Lima (MDCG)

Vanderlei de Brito (IHCG)

Expediente

Emerson M. Alves Silva - Designer gráfico

George Tenório Pinto - Capista

Márcio Antônio da Silva - Normalização técnica

Luíra Freire Monteiro - Revisão

Ao Brasil, pelos duzentos anos passados
distantemente do seio materno.

[...]
«A crença amortecei da insensatez no *cumulo* !
Erguei a *injuria* a Deus, *sarcophagos* á Fé !
Porque a Fé no porvir *resurgirá* do túmulo
E *vel-beis* então esplendida de pé !...

(Raymundo Correia, 1879).

PRÓLOGO

Os versos que se seguem são as primícias dum entusiasta da Arte Poética, em seu caminho ao esplendoroso domicílio das Musas, o Parnaso. Portanto, correspondem à manifestação ainda imperfeita das ideias e da técnica, — que a falta de experiência e mesmo a tenruidade de um autor desprovido da genialidade típica dos grandes justificam — fato que se roga consideração.

Foram várias as fontes de inspiração desse pequeno trabalho: desde as «dores do mundo», temidas por todos, mas sem as quais o tédio ser-nos-ia insuportável; a História (Clio), esta Musa do Olimpo, em cujo esteio inclui-se o meu país em sua gloriosa trajetória nos últimos cinco séculos e, principalmente, Deus e a Santa Religião. Uma vez que várias, ademais, são as nuances da vida, bruscas ou paulatinas, estas representaram-se, também, destarte nos poemas vindouros.

O motivo principal da publicação dessa singela obra literária, se digna de assim ser chamada, relaciona-se à maior das efemérides que pode um orgulhoso filho da Pátria celebrar: o aniversário de nascimento de sua Nação, liberta dos braços, carinhosos ou violentos, que a prendiam, em ósculo ou tortura. Haverá decorrido, em sete de setembro deste ano de 2022, dous séculos de vida nacional brasileira independente, resultantes do destemor desta gente do Brasil, materializado na figura de Dom Pedro I (IV de Portugal), o mais brasileiro dos portugueses, e do Pai Fundador José Bonifácio de Andrada e Silva.

Percebei, então, que as pretensões desse opúsculo não se ligam à exaltação pessoal de seu autor. Haveria nisso dignidade ou valor? Não! Os versos que lereis só existem para elevar Deus, a Pátria e o Rei preterido, em detrimento de quem os escreveu, —

nada mais que um servo — cuja imagem deve reduzir-se para que cresça e resplandeça a de seus Senhores!

Agora, — aos ilustres homenageados, a vós, leitores, e a quem melhor souber fazer pedindo generosidade e compreensão — convida-se-vos a que trilheis, juntamente ao vacilante entusiasta nessa caminhada, os seus *Primeiros Passos (ad Parnassum)*.

SUMÁRIO

PRIMEIROS PASSOS (VERSOS LIVRES)	9
E o Tempo desfolhou	10
Meu idílio.....	11
Uma vida mal traçada	13
Finis miseriae mors est.....	15
Desventurosos amantes.....	16
AD PARNASSUM (VERSOS METRIFICADOS)	17
Gradus ad Parnassum.....	18
À Métrica.....	19
Dignum arbitramur.....	22
Sabes quem és.....	24
Estrilho coroadado	25
Villancete dum moribundo	27
Redondilhas e heroicos quebrados	28
Paranoia, mistificação ou Parnasianismo?	29
Mors mihi lucrum.....	30
Felix culpa	32
Dama Preterida.....	34
Apoteose de uma vida	35
Quod non potest diabolus	37
Missio Dei est	38
Encontro de dois mundos	40

Dulce periculum	42
À minha Samantha.....	43
Mea maxima culpa.....	44
Quimera.....	45
Young and foolish.....	46
Despedida.....	48
Vitórias do Brasil.....	49
Pie postulatio voluntatis.....	52
Candeias.....	54
The music played!.....	55
Summis desiderantes affectibus	57
Selamat Tinggal.....	59
Ao meu túmulo.....	60
A um jovem de dous séculos.....	61
Coração transgressor.....	62
Minha Lira.....	63
Nos meus vinte e um anos.....	65
Reminiscência	66
Deus vult!	67
Ars gratia artis.....	69
Herdeiros de Adão.....	70
(Minha) viagem ao Oriente.....	72
Caminho de Damasco	89
Acedia.....	90
Superbia	91
Cum nimis absurdum.....	92

Magnificat	93
Trovadorismo	94
Inter caetera.....	95
Omne datum optimum.....	96
Pecatum originale	97
Luxuria	98
Dancemos, então!.....	99
Coup de foudre.....	101
Receita para destruir o Amor.....	102
Stipendium peccati mors est.....	103
Arquétipos.....	104
Canção do exílio?	105
Vox in excelso.....	106
Laetentur Caeli.....	107
Exsurge Domine!	108
Lamento ou idílica elegia.....	109
Arcádia Lusitana	111
Earthly delights	112
Saudades do Passado	113
Triolet do Amor Divino.....	114
Cum hora undecima.....	115

PRIMEIROS PASSOS (VERSOS LIVRES)

E o Tempo desfolhou

Com lábios mui tenros,
Naqueles áureos tempos
De venturas infindas,
Teu amor confessaste
E por Deus me juraste
Felicidades devindas.

Foram anos de loucuras,
Paixão sem desventuras,
Primavera em cor!
Com voluptuosos beijos,
Incontroláveis desejos,
O apogeu de nosso amor!

Mas o Tempo, senhor do Destino,
Fez-me amargo desatino:
Sorrindo de minha dor,
Levou-me a amada,
A memória inacabada,
A minha rosa em flor.

Hoje, a fugir da agonia,
Escravo da nostalgia,
Rogo, por aquele idílio:
Que o Tempo usurpador,
Por pena de um sofredor,
Liberte-me de meu martírio!

Meu idílio

Oh! mais pura das vestais,
Musa de meus madrigais!
Bela Vénus, ouve este louvor,
Que entoo a ti, com emoção,
Na genuflexa adoração
De um pobre pecador.

Os lábios

Rubros, como as pétalas das flores,
Beijando em ânsia e com amores,
Ó divina perdição!
São volúpia dos meus sonhos,
Os dois rubis risonhos,
Que me alegram o coração!

Os longos cabelos

Têm a cor do sol, de raios garbosos,
Perfeita seda, loiros fios olorosos,
Que deslizam por entre os dedos
Em lento gesto delicado,
A revelar-te o rosto imaculado,
Que cintila entre os folhedos.

Os teus olhos

Perfeitos astros matizados,
Foram por Deus agraciados
Com inebriante esplendor
E olhar a seduzir,

Que em meu peito fez luzir
Os primórdios deste amor.

Imploro

Perdoa este humilde adorador,
Que te ama com fervor
E que, com singela devoção,
Em versos de felicidade,
Que te exaltam a santidade,
Vem pedir-te a salvação!

Uma vida mal traçada

Quanta melancolia
Sinto ao lembrar da cobardia
Com que vivi meus áureos dias;
Saudosos tempos de mocidade
Em que buscava a felicidade,
Sem ter do amor as utopias.

Belas rosas em flor
Juravam-me eterno amor,
Em divinal fascinação.
Mas eu, por medo e por despeito,
Estando à solidão afeito,
Resguardava meu aflito coração.

Temia eu, ainda que resignado,
Tornar-me em sofredor desvairado,
Daqueles que, amando, devaneiam,
E ao se verem sós, pela dor sentida,
Em lhes faltando a razão de vida,
Febris, pela morte anseiam.

Oh! melhor seria ter amado,
Ainda que ao penar condenado,
Do que viver esta tristeza,
Na fria alcova onde lamento
Não ter provado o sentimento,
Que é da vida a beleza!

Foi-se a minha juventude
E cá estou, em solitude,
Sem calor, no outono da existência,
Tendo apenas dissabores.
Oh! antes fossem os amores,
Que eu neguei na adolescência!

Finis miseriae mors est

Quão belo momento,
O fim de uma vida
Já de tédio exaurida,
Razão de sofrimento.

Venturoso alvorecer
Pouco a pouco esmorece,
Até ouvir-se, dolosa, a prece:
Que se finde este viver!

A história de todo ser
Culmina em sua morte...
Haverá tão grande sorte
Quanto aquela de morrer?

Connosco morrem os sofrimentos,
O palpitar do coração,
Esta grande aberração
Donde fluem sentimentos!

Desventurosos amantes

Desventurosos amantes,
Deus os fez por natureza iguais,
Assim sofrem dissabores tais,
Por seus modos meliantes.

Guardam um segredo, receosos,
Às circunstâncias já rendidos,
Em meandros d'encontros proibidos,
Onde renovam juras, esperançosos.

O Tempo, senhor implacável,
No peito a ânsia vã não arrefece,
Mas o infeliz viver já esmaece...
Achega o desfecho inevitável!

Não mais estarão distantes:
Vislumbraram na Eternidade
A consumação de sua iniquidade,
Os desventurosos amantes!

AD PARNASSUM (VERSOS METRIFICADOS)

Gradus ad Parnassum

A imitação da natureza
É da Poesia nobreza;
E o poeta, quando se expressa,
Tal nobre imitação professa.

As maravilhas da escansão
Preconizavam os antigos:
Mestres da versificação,
São todos hoje enaltecidos.

Imaculada Arte Poética,
Não tens outras finalidades
Que valorar perfeita estética,
Por deleitar das divindades!

Eu, que sou mero entusiasta
De ti, Princesa bela e casta,
Se para agradar-lhe me esforço,
Muito sofro: sei que não posso!

Campina Grande. — 20 de abril de 2021.

À Métrica

Dos antigos eras musa;
Na Poesia, profusa,
E seus deuses seduzias,
Pois aos versos concedias
A beleza de Medusa.

Qual Beatriz, para Dante,
Foste tu muito importante;
Pois compunhas a Comédia,
Que hoje ocupa bela *sédia*
Neste mundo trepidante.

Estiveste com Camões
Nas egrégias louvações
A seu povo lusitano.
Nem pôde imigo oceano
Consumir-te as impressões.

E o maior entre os românticos
Celebrava, com seus cânticos,
Heroica gente nativa.
Tinha em ti melhor amiga
Para os assuntos semânticos.

Junto ao génio dos Vinte Anos
Gozaste os vícios humanos...
Que dissabor tu sofreste
Quando tão cedo o perdeste

Para da Morte os vis planos!

Também tu na Valsa estavas
E o poeta maltratavas
Das saudosas Primaveras
Co'as tristezas mais severas
Que com ele tu cantavas.

Celebraste o grego vaso,
Também ídolo sentado,
Em Sonetos e Poemas;
Acataste tantos lemas,
Sem do amor fazeres caso.

Sonhaste os Primeiros Sonhos,
Versos tristes e risonhos,
De quem às pombas cantou.
Tal o tempo o epitetou,
Eram eles qual incoelhos.

Tu foste ode à Flor do Lácio,
Nas estrelas o palácio,
Onde habitou grande rei,
O maior de tua grei,
Que te ostenta no epitáfio.

Mas por que tu nos deixaste,
E a beleza nos tiraste
Aos nossos versos e estrofes?
Não me digas que não sofres,

Que não choras o contrastel!

Pois de que vale um poema,
Por melhor que seja o tema,
Dum poeta que despreze,
Ou que mesmo menospreze,
Teu tradicional emblema?

São as brumas do Moderno,
Negras nuvens deste inverno,
Que te fazem mil maldades:
Só por tuas qualidades,
Sentenciam-te ao inferno!

Abril de 2021.

Dignum arbitramur

Quando poemas escrevo,
Meus sentimentos transcrevo.
No trabalho que realizo,
Prezo um tanto pela forma,
Observando sempre a norma,
Pois que os versos avalizo.

Tenho algumas preferências,
Para além das aparências:
Utilizo cá sextilhas,
Pois não gosto das oitavas,
E aprecio mais as quadras,
Para minhas redondilhas.

São as rimas elegantes:
Criam versos fulgurantes;
Pobres, toantes ou ricas,
Têm valores diferentes
E aos poetas diligentes
Todas são impositivas!

Gosto dos parnasianos,
Por seus versos puritanos;
Do Romantismo ablegado,
Co'os poetas ufanistas
E os líricos pessimistas,
De egotismo exacerbado!

Alguns rondós produzi,
Quantos temas descrevi!
Villancetes eu compus,
Co'estrofes de sete versos:
Estes são de glosa egressos,
E têm mote que os conduz.

Vivo assim em aprazia,
Já que tenho a Poesia.
Preconizou mestre egrégio:
«Arte sóbria, qual um templo!»
Cá eu sigo o seu exemplo:
Co'esse simples sortilégio!

17 de abril de 2021.

Sabes quem és

Fortuita circunstância
Conhecer-te me faria,
Enleado na fragrância
Que de teu ser efluía.

Entre nós vasta distância
Desatino me seria,
Por haver em mim a instância
Dum afeto que luzia.

Primeiro amor que subsiste,
Porque veta-me o destino,
Em ti penso, só, tão triste!

Sentimento clandestino!
Apenas no peito assiste,
Com temor por inquilino.

Março de 2021.

Estrilho coroado

A bela donzela
Desejo, se a vejo,
Singela, à janela,
E almejo o seu beijo!

Passei na rua onde vivias,
Contemplativa parecias,
Qual Julieta, inda mais bela,
Ostentando nas mãos um lenço,
Que trazia, em cetim apenso,
A tua insígnia de donzela.

E não podendo resistir
Do coração ao persistir,
Sucumbindo por meu desejo,
Aproximei-me da varanda
E em meio a flores de lavanda,
Perfeita Vénus, eu te vejo!

A bela donzela
Desejo, se a vejo,
Singela, à janela,
E almejo o seu beijo!

Cansada de teus dias ermos,
Por uma químera vivermos,
Tu me pedias, tão singela,
Que eu te jurasse eterno amor,

Para provares do esplendor
Que havia além de tua janela!

Eu te abracei, compadecido...
Desperto brusco, entorpecido!
Eis que a penumbra eu logo almejo,
Para trazer de volta a dama;
Pelo clímax daquela trama!
O momento de nosso beijo...

A bela donzela
Desejo, se a vejo,
Singela, à janela,
E almejo o seu beijo!

15 de abril de 2021.

Villancete dum moribundo

Mote

*Eis-me no Oriente a vagar,
Porque tão longe o amor busquei,
Dizer-te adeus não poderei!*

Voltas

No apogeu desse meu penar,
Trago aquela terra à memória
Onde eu vivi mais bela história,
Sob os auspícios do luar:
Eis-me no Oriente a vagar,
Quando os meus olhos te fitaram,
E os nossos lábios se encontraram.

Na loucura daquele caso,
Vivemos muitas alegrias,
Naquelas lindas noites frias,
Quando deitava em teu regaço...
Hoje, resta-me este fracasso:
Porque tão longe o amor busquei,
Dizer-te adeus não poderei!

10 de abril de 2021.

Redondilhas e heroicos quebrados

Por que bebes tanto?
Por que choras pranto?
Por que não a deixas?
Por que tudo aceitas?

Por amor, eu te digo!
Só por isso, amigo;
Bebo e choro assim,
Esperando meu fim!

06 de agosto de 2021.

Paranoia, mistificação ou Parnasianismo?

Utilizando versos livres,
Eu comecei na Poesia.
Era qual um jovem ourives,
Que pouco d'ouro conhecia.

Guiado sempre pela Métrica,
Hoje eu retrato as musas belas.
Muito prezando pela técnica,
Como um pintor, em suas telas.

Octossílabos são meus versos,
Que nestas quadras apresento.
Para que não fiquem dispersos,
Têm quatro estrofes por assento.

Assim, sou sapo tanoeiro,
Parnasiano aguado, pois?
Vede, neste poema inteiro,
Cognatos rimados há dois!

15 de abril de 2021.

Mors mihi lucrum

Espreita-me a felicidade,
Tem a forma duma Entidade:
Filha do Tempo e do Destino,
Subtil, de modo paulatino,
Vem-me pôr fim à insanidade!

*Quando de meu nascimento,
Manifestei sofrimento!
Prenunciava a tortura
De viver em desventura.*

Duas décadas esperei
Pela Mulher que eu sempre amei.
Ela trará maior prazer,
Primeiro que haverei de ter:
O momento que ambicionei!

*Fui criança muito enferma,
De felicidades, erma.
Assim, desde tenra idade,
É-me a vida fealdade.*

Ela se aproxima de mim...
Exala olores de jasmim!
Porta belo e negro vestido,
E tem nos olhos refletido
Ebúrneo lençol de cetim.

*Cresci, moço descontente:
Da vida sempre descrente.
A Morte bem cedo ansiei,
Por morrer tanto roguei!*

Rubros lábios hei de beijar,
Depois de tanto os desejar!
Será meu ósculo primeiro;
O mais perfeito, o derradeiro,
Que me haverá de arrebatr!

*O Senhor ouviu meu pranto,
Benção que eu queria tanto,
Finalmente Ele me deu:
Vil doença me abateu!*

Desfaleci nos braços dela,
E era tão pálida a donzela!
Eu sinto o espírito elevar-se...
Há de finalmente alegrar-se
Na eternidade... que é tão bela!

Felix culpa

Filha duma terra ingente,
Nas Índias de antigamente;
Não poderia eu supor
Que serias meu delírio,
Tornado, depois, martírio,
Ao se esvaír do estupor.

Nesse distante hemisfério,
Segredamos um mistério:
Potestade de sultana,
O teu gosto a especiaria
Vivo enlevo meu seria,
Qual da gente lusitana.

Sob a lua, ante a Famosa,
Vulto de era assaz briosa,
Consumou-se nosso caso,
Proibido, nós o sabíamos,
E assim mesmo viveríamos,
A tecer este parnaso.

Derriço meu do Oriente!
Anelo concupiscente...
Estou perante o Senhor,
Que condena o fátuo idílio,
E conduz, tal qual Virgílio,
À ascensão um sonhador.

Contra o divinal Império
Nosso amor foi vitupério,
Mera ânsia vã, insana,
Pois ao inferno impelia
O meu ser, que preteria
A pureza mariana.

Relembrando a terra airosa,
Onde deixei-te, chorosa,
Inda anseio o teu regaço,
O tempo a que voltáramos!
Sempre juntos estaríamos,
Fosse por obra do acaso.

Mas eu não me desespero,
Nem de tristeza exaspero:
Da doce culpa hei provado,
Sem a qual viver é morte,
E eis que tive melhor sorte
Que teve Adão, o degredado.

Março de 2021.

Dama Preterida

A Mulher por quem anseio,
Tantos homens que Lhe temem,
Por n'Ela pensarem, gemem,
Consumidos por receio.

Foi gerada por vil sémen,
Ostentando, assim, no seio,
Da existência todo esteio.
Ai daqueles que blasfemem!

Belo dia chegará,
Quanto a mim me exultará!
Em que a Ela hei eu de ver...

A portar as negras vestes,
Os desígnios incontestes,
Com que cumpre seu dever.

Apoteose de uma vida

Ah! que belo momento,
O findar de uma vida,
Já de tédio exaurida,
Razão de sofrimento.

Para nasceres, sofredor,
Prefaciou-te a maior dor
De tua mãe. Como gritava!
Para expelir, em sangue envolto,
O corpo teu, frágil e revolto.
Mais um calvário iniciava!

Cresceste, garbosa criança,
Desfalecendo em ti a espr'ança,
Que cultivavas na inocência.
Pois do destino a negra face,
Cedo sorrindo-te, rapace,
Levou-te os pais, deu-te a dolência.

Ah! que belo momento,
O findar de uma vida,
Já de tédio exaurida,
Razão de sofrimento.

E os amores que cultivaste
Não foram ao sofrer contraste:
Representações da Vontade,
Ludibriavam-te o viver,

Por descendência se fazer,
Em sôfrega promiscuidade!

E nos teus anos de velhice,
Já não suportas a chatice!
Estás à espera, em teu leito,
Desse suspiro derradeiro,
Prazer único, verdadeiro,
A que na vida tens direito!

Ah! que belo momento,
O findar de uma vida,
Já de tédio exaurida,
Razão de sofrimento.

10 de abril de 2021.

Quod non potest diabolus

Mote

E, comovida, a chorar tanto,

Desfez-se a pálida senhora...

Quanto pode a mulher, que chora!

(Adaptado de Raymundo Correia)

Voltas

Decretara-se dele a sorte:

Seria a campa o seu recanto;

E, comovida, a chorar tanto,

Rezava assim pobre consorte:

«Ó Deus, sois Vós maior que a Morte,

Trazei de volta o meu amor;

Chorando imploro, ó Senhor»!

E mesmo o anjo ceifador

Compadeceu-se da infeliz:

Eis que nos olhos, dois rubis,

Verteu uma lágrima de dor;

E em seu abraço, antes de horror,

Desfez-se a pálida senhora...

Quanto pode a mulher, que chora!

02 de agosto de 2021.

Missio Dei est

Vimos buscar xrstãos e especiaria.
(João Nunes, 1498)

Um filho de Portugal
Distante de seu país
Hoje está. Assim o quis,
Pela Graça Divinal,
O venturoso Manuel,
Conquistador do infiel,
Rei das causas mercantis,
Do Brasil até Bornéu.

Fora a maior ambição
D'El-Rei dom João segundo:
Navegar-se todo o Mundo.
Mas passou essa missão
Para o primo, seu herdeiro,
Que fez Vasco, cavaleiro
E conquistador fecundo,
Em grande armada o primeiro.

Para além de especiarias,
Buscaria a expedição
Lendário Reino Cristão!
Navegaram vários dias,
De Lisboa a Santa Helena,
E nesta África morena,
Depois de vil traição,
Veem Melinde tão serena!

Calecute os esperava:
Chegado às Índias haviam,
E que recepção teriam?!
Samorim que os desdenhava!
Comerciar era importante,
Mesmo assim, dali em diante,
A missão começariam:
De pregar ao desviante!

28 de Julho de 2021.

Encontro de dois mundos

Admirava, certa vez,
De ébano claro a tua tez.
Eras tímida, quem sabe?
Como é toda mulher árabe.

Percebi que tu coraste
Logo quando me fitaste;
E ocultavas os cabelos
Sob um véu ... não pude vê-los.

Em meio à linda Bagdá,
A mil mesquitas de Alá,
Eu já não via mais nada,
Além de ti, minha amada!

Quis de ti me aproximar,
Mas não te hei de melindrar!
Quando mais perto cheguei,
Em tua imagem soçobrei!

O branco *hijab* de seda
Que a linda face segreda
Dá-te um porte tal de santa,
O que a mim tanto me encanta!

Tomei-te a mão e a beijei...
Sem querer eu te assustei?!
Mas para mim tu sorriste,

E o meu gesto repetiste!

E assim foi que o amor se fez,
Por desígnio do destino
(Co'a Providência, talvez),
Entre uma árabe e um latino.

Maio de 2021.

Dulce periculum

Eu sempre fui sentimental!
Erigi mesmo um pedestal,
Para as imagens adorar
De qualquer rosto angelical
Que ante meus olhos vi passar!

Feliz vivia assim, então,
A deleitar-me na ilusão
De ser o Amor puro e sagrado
E que em meus sonhos de paixão
Por mim seria Ele alcançado!

Tu apareceste de repente,
Co'esse rostinho inocente,
Que do Senhor é um arauto...
Para fazer de mim fremente,
Para de mim fazer incauto.

Minha primeira namorada!
Tanto esperei sua chegada;
Por um efémero prazer;
Uma donzela idealizada,
Que só em sonhos pude ter...

Mas eis um facto curioso:
Daquele Amor sou eu saudoso,
Porque era puro, era sagrado...
O que hoje vivo é venturoso,
Parece mesmo ser pecado!

À minha Samantha

Vejo-te, amável, à distância
Desde os idos dias da infância.
És a perfeita criatura!
E eu vivo só por adorar-te;
Apreciando maior arte;
Que é de teu ser a tessitura.

Invoco-te nos sonhos meus,
Para te ver eu peço a Deus!
Porque alegrias tu me trazes,
Na penumbra ou no despertar,
Quando, humilde, posso ofertar,
A ti, louvores mais verazes.

Amo-te pura e virginal:
Tenho o anseio devocional!
Tu és a santa em meu altar,
Que eu admiro às escondidas,
Rogando graças pretendidas,
Como a maior: de te beijar!

06 de maio de 2021.

Mea maxima culpa

Tenho a meu lado o toca-discos
Enquanto teço os meus rabiscos;
Estou ouvindo a nossa valsa,
Que hoje só dor em mim realça.

Eu sou um amante à moda antiga,
Quero escrever-te uma missiva;
Para saberes que não vivo
Sem ter de ti um lenitivo.

Não vou pedir para voltar,
Para outra vez poder te amar;
Porque bem sei: fui o culpado
De em teu sofrer teres chorado!

Só quero que tu nunca esqueças:
Infundas foram minhas queixas;
Ao destruir a tua vida,
Tive a desgraça merecida.

Tu foste o meu amor primeiro,
Serás também o derradeiro;
Pois te entreguei tudo de mim,
E se não estás, acabo, enfim!

Eu era qual uma criança,
Em ti buscando a segurança
Contra o destino, contra a sorte;
E se não estás ... resta-me a morte!

Quimera

Eis que por desígnios divinos
Uniram-se os nossos destinos,
Quando avistei-te, vicejante,
E em ti perdi-me, delirante.

Na volúpia de doces beijos,
Em meio a lânguidos desejos,
Eterno amor tu me juravas,
E eu cria nas tuas palavras.

Melhor seria ter morrido,
Nesta minha sofreguidão
Que ver traído o coração.

Desfaz-se o sonho preterido!
Vai-se a memória desvairada!
Esfuma-se a mulher amada!

Young and foolish

Ah! pobres dos moços,
Os que a uma só amam
E em feitiço envoltos,
Mil juras proclamam.

Mas em minha juventude,
Vou eu provando, amiúde,
Demasiados sabores.
E ao peito trazem tal lumel!
São todos mero perfume,
Que o vento leva das flores.

Mas sendo amar necessário,
Vou seguindo o corolário
De que é o homem qual abelha:
São precisas tantas rosas,
Desabrochando, olorosas,
Para haver de mel centelha.

Ah! pobres dos moços,
Os que a uma só amam.
E em feitiço envoltos,
Mil juras proclamam.

Mas eis que sinto a aflição
De um insano coração,
Que, cobarde e receoso,
Temendo amar e sofrer,

Há de efemérides ter,
Em seu afã impetuoso.

Mas pobre mesmo de mim
Que os moços invejo, assim!
Pois eles, loucos que são,
Têm na vida alguns primores...
Não me trazem, meus amores,
Nada além duma ilusão.

Ah! pobres dos moços,
Os que a uma só amam
E em feitiço envoltos,
Mil juras proclamam.

Março de 2021.

Despedida

Mote

*Eu sou filho do Novo Mundo,
E entre nós dois há um oceano,
Que é brasileiro e lusitano!*

Voltas

De Portugal povo jucundo
Criou de Santa Cruz a Terra,
Onde a minha Pátria se encerra;
Eu sou filho do Novo Mundo,
De portugueses oriundo:
Foram três séculos de história,
E os trago vivos na memórial!

Despedimo-nos em Setembro
Que é o mês da melancolia;
Foi feita à nossa revelia
Separação... eu bem me lembro,
Tão grande foi meu desalento...
E entre nós dois há um oceano,
Que é brasileiro e lusitano!

22 de abril de 2021.

Vitórias do Brasil

Começara em mil e quinhentos,
 Dia vinte e dois de abril,
Gloriosa história varonil;
Quando trouxeram os bons ventos
‘Standartes lusos, opulentos,
 À terra de Vera Cruz,
Em naus guiadas por Jesus.

Já no domingo de Pascoela,
 Celebrou-se Santa Missa;
E toda a gente era submissa:
Mesmo os gentis vieram por vê-la;
Da salvação estando à espera!
 Eram pobres inocentes,
Não mais queriam ser descrentes.

Mas, no abandono inicial,
 Cinquenta primeiros anos,
Povos de França, levianos,
— Depois que em frente foi Cabral
Fazer das Índias Portugal —
 Concederam seus apoios
À França Antártica, aos Tamoios.

Os inimigos malogrados
 Insistir inda quiseram:
Franceses vis já destroçados,
Em *Saint-Louis*, acobardados,

As suas armas depuseram.

Mas a paz não duraria:
O Reformado então viria...

Povos batavos estrangeiros,
— Repelidos na Jornada
Quando tentaram, enzoneiros,
Escravizar os brasileiros —
Com crueldade inigualada,
Da Bahia ao Maranhão,
Levam desordem e opressão!

Mas os heróis da Insurreição,
Guiados pela Luz Divina,
André, Henrique, Camarão,
Em nome da Restauração,
Com valentia genuína,
Ante o morro Guararapes,
Prevaleceram nos combates!

‘Stando o Brasil salvaguardado
Do europeu ganancioso,
Seria então consolidado,
Por Bandeirantes desbravado.
Mas o Tapuio poderoso
Imperava nos Sertões:
Era o terror das incursões!

Contra esses índios rebeldes
Justa Guerra decretou-se;

E aos Cariris confederados,
Pelos Paulistas subjugados,
O lusitano sobrepôs-se.
Eis que enfim a paz se fez
No território português!

Apoteótico é o Brasil!
Terra heroica e de glória;
Desde o passado juvenil,
Esse país de encantos mil
Traz sempre vivo na memória
Dos esforços o sucesso,
Porque dos Céus é ele egresso!

07 de fevereiro de 2022.

Pie postulatio voluntatis

Peço-te tão pouco, querida.
Quando te vejo, assim, garrida,
A seguires o teu caminho;
Peço-te apenas um carinho!

Eras comigo tão amável...
Eu te fiz algo imperdoável?
Foi por eu tanto te querer,
Que hoje só queres me esquecer?

E já não sei nada de ti.
Perdi-te. Nem me despedi!
O teu silêncio, que é tão triste,
Em atormentar-me persiste!

É bem singelo o meu desejo:
Eu nem sequer peço-te um beijo;
Deixa-me a tua voz ouvir,
Que teu desvelo hei de sentir!

11 de maio de 2021.

Ars sacra

Quando contemplo, genuflexo,
Sacras Imagens,
Eu as envolvo num amplexo;
Presto homenagens,
A tão ilustres personagens!

Ao ver os templos gigantescos
Da Santa Igreja;
Com seus vitrais, com seus afrescos,
Tenho a certeza
De minha humana pequenez!

Quando deleitam-me os ouvidos
Sacras canções,
Tenho os pecados meus remidos;
Faço oblações
Contra do mundo as seduções!

Ao ler os textos dos profetas,
Santa Escritura,
Essas palavras tão diletas,
São-me ventura;
Levá-las-ei à sepultura!

Como sou grato, Criador,
Ó Deus artista!
Porque é mui grande o Vosso amor;
Perfeccionista
Em instruir um pecador!

Candeias

Ecoava ali o som dos violinos,
E na memória a imagem aludia,
Àqueles acres olhos, tão ferinos,
Da minha vida fontes de agonia.

Eram do nobre Tânató ladinos.
Fitaram-me a mim. Foi tal a aprazia,
Que não lhe resisti aos desatinos,
Da Vénus, que é dos olhos prelazia.

Assisto no salão do amor primeiro
Ansiando os dois astros cor d'anil,
E trago o coração sempre altaneiro.

Esfumara-se já a ignota dama:
Qual andorinha, pássaro gentil,
Que ao Senhor conduz a divinal rama.

The music played!

No salão opulento,
Eu, sozinho, lamento
O maldito momento
Daquele sentimento;
Quando a valsa tocava
E em tom agoirento
Um refrão ecoava:

*Nous nous aimions
Le temps d'une chanson.*

Eu beijei tua mão,
No opulento salão!
Mas, perdido em paixão,
Não ouvia a canção,
Pois contigo dançava;
E o sinistro refrão
Uma vez mais ressoava:

*Nous nous aimions
Le temps d'une chanson.*

Fitámo-nos, dançando,
Mil carícias trocando;
Um amor começando...
Eis que Serge, fumando,
Para nós apontava
E, tristonho, cantando,

Assim vaticinava:

Nous nous aimions

Le temps d'une chanson.

Já bem perto do fim,
Tu sorriste p'ra mim
E falaste-me assim
«Vem comigo ao jardim?»
A canção terminava,
Mas ao longe, outrossim,
Seu refrão ecoava...

Nous nous aimions

Le temps d'une chanson.

17 de março de 2022.

Summis desiderantes affectibus

Frémitos! quantos frémitos,
Na vida são-me ingénitos!
Só por ti sofro tanto,
Mas te escondo o meu pranto!

Quando eu me recolho ao leito,
Nesses sonhos me deleito,
Que contêm a tua imagem:
Da mulher que mais amei,
A primeira que beijei,
Transcendente qual miragem.

Quando acordo da penumbra,
Despertar já não me alumbra.
As manhãs são despedidas,
O meu martírio diário:
Vou vivendo este calvário,
Que padeço às escondidas.

Frémitos! quantos frémitos!
Na vida são-me ingénitos!
Só por ti sofro tanto,
Mas te escondo o meu pranto!

Esta vida se resume,
Em querer o teu perfume,
O momento em que te encontro.
Alegrias? Não as tenho.

Por que a este mundo eu venho,
Suportar um desencontro?!

Beleza crepuscular
Vem conduzir-me ao teu lar!
Sempre que eu te faço minha,
Deixo as dores da existência;
Perco-me na transcendência,
De teus braços, ó rainha!

Frémitos! quantos frémitos,
Na vida são-me ingénitos!
Só por ti sofro tanto,
Mas te escondo o meu pranto!

Abril de 2021

Selamat Tinggal

Mote

*Em Indonésia tu vivias,
E eu, mesmo sendo ocidental,
Ali fiquei, sentimental!*

Voltas

Ansiava mil utopias,
Quando deixei meu continente,
Pelos mistérios d'Oriente.
Em Indonésia tu vivias,
Como enfeitavas os meus dias!
E eu, mesmo sendo ocidental,
Dei-me ao prazer transcendental.

Chegou fatídico momento:
Eu te abracei, na despedida,
Em Padang, o cais da partida.
Mas quando vi teu sofrimento,
Também chorei, por desalento...
Porque me amavas, afinal,
Ali fiquei, sentimental!

15 de abril de 2021.

Ao meu túmulo

Sob os auspícios de saturno,
De macabro banquete és pórtico,
Ó Campa de mármore soturno,
Que encerras o festim necrótico.

Tua beleza tumular
É maculada por mil flores...
Mas que haverão de definhar,
Pois que te encobrem os fulgores!

Da matéria és última casa,
O eterno abrigo nesta Terra,
Quando do corpo a alma descasa,
E por elísios campos erra.

A moléstia que me consome
Haverá de nos ser prazer:
Sacia-te de corpos fome;
E este anseio de em ti fazer!

08 de abril de 2021.

A um jovem de dous séculos

Não és mais uma criança;
E nem deves ter lembrança
Dum tão longínquo passado;
Dos teus tempos de bonança,
Em luso ventre abrigado.

Nas primícias da existência,
Tu sofrias por carência
De cuidados maternais...
Mas então, na adolescência,
Eras joia de teus pais.

Muitos anos transcorridos,
De delícias ou sofridos,
Queres logo liberdade;
E os caminhos proibidos
Trilharás por veleidade!

Hoje, tu és independente!
Estás livre, finalmente,
P'ra viver uma quimera.
Mas que tenhas sempre em mente:
Tua Mãe inda te espera!

1º de fevereiro de 2022.

Coração transgressor

Meu coração, em triste langor,
Submetia-se à voz da Razão,
A qual, por contínua exortação,
Dizia-lhe: «salva-te do amor!»

Meu coração, mesmo resignado,
Acatava o comando com zelo,
À revelia deste interpelo:
«Estarei p'ra sempre abandonado?»

Meu coração, quando te conheceu,
Perdido em secreta contemplação,
Em meu peito palpitou, agitado!

Meu coração, tristemente, aprendeu
De seu viver a racional lição:
Quando foi por mãos belas destroçado!

Minha Lira

Não quero um amor alcançável,
Uma mulher que eu venha a ter.
Anseio o viver miserável,
Que posso em versos descrever!

Eu quero o mesmo que Dirceu:
A Marília do sonho meu!
E, qual o triste degredado,
Enaltecer dela a beleza,
Mas padecendo de tristeza,
Por ser à solidão fadado.

Noites em claro já passei.
Oh! quantas vezes que chorei!
Chorei pensando em nós, unidos...
Mas quero apenas adorá-la,
Dela distante, proclamá-la:
Musa de versos pretendidos!

Não quero um amor alcançável,
Uma mulher que eu venha a ter.
Anseio o viver miserável,
Que posso em versos descrever!

E é o amor como a natureza,
Que em sua divinal beleza,
Dá-nos maior inspiração.
Mas esse cenário bucólico,

E o sentimento melancólico,
Demandam só contemplação.

O sofrimento é o real,
Felicidade, mero ideal,
Disso vós todos bem sabeis.
Se não tenho a mulher que anseio,
Traz-me a miséria, como esteio,
Este rondó, que vós lereis.

Não quero um amor alcançável,
Uma mulher que eu venha a ter.
Anseio o viver miserável,
Que posso em versos descrever!

24 de abril de 2021.

Nos meus vinte e um anos

De minha vida o apogeu
Por desgraça foi marcado.
Muito cedo o confrangeu
Consequência do Pecado.

Sem amor e sem amigo,
Só, num leito omnipresente:
É o efémero jazigo...
Virá logo o permanente!

Em meu quarto escuro e frio,
Moribundo, desvario.
A moléstia assim me faz,
E esvair tanto me apraz...

Oiço os trovões, à janela.
É deslumbrosa a procela!
E o feixe de luz celeste
Um negro vulto incandesce...

*Eu trago honrosa perspectiva,
Conceção minha, putativa,
De dar-me a morte privilégios:
(De em meus vinte e um anos de idade)
Morrer no auge da mocidade,
Como os românticos egrégios.*

04 de maio de 2021.

Reminiscência

A recordar quando, divagando,
Ainda na aurora da existência,
Pouco a conhecer da vida a essência,
Eu me apercebi de estar amando.

Com mil suspiros, com mil ternuras,
Esses nossos lábios se encontravam,
Esses nossos olhos se fitavam
E trocavam lânguidas perjuras.

Em finda a contemplação,
Controlando amargo pranto,
No outono dos dias meus.

Retorna-me a razão,
Sem nenhum acalanto,
Só as marcas do adeus.

Deus vult!

Por Terra Santa retomar,
Havereis vós de guerrear,
Contra as hostes de Maomé.
Diz o Senhor que assim o quer!

Choram os cristãos no Oriente,
São vítimas de imigo horrendo:
Ambos turcos e levantinos,
Que desprezam a Santa Cruz,
E a Jesus Cristo, que conduz
À sua morada os peregrinos.

De Bizâncio vem o chamado
Que é pelo Papa ressoado
Aos reis e príncipes da Europa:
«Às armas, às armas, cruzados!
Contra os bárbaros potentados,
Assinalais a vossa tropa»!

Por Terra Santa retomar,
Havereis vós de guerrear,
Contra as hostes de Maomé.
Diz o Senhor que assim o quer!

No território da Anatólia,
Estava certo da vitória
O exército do Califado.
Mas por milagre repentino,

Co'a Santa Lança do Destino,
Foi monge Pedro abençoado.

Ante da Cidade as muralhas,
Depois de incontáveis batalhas,
Chegam os homens, triunfantes:
Com o exemplo de Josué,
Porque o Senhor assim o quer,
Para imolar seus habitantes!

Por Terra Santa retomar,
Havereis vós de guerrear,
Contra as hostes de Maomé.
Diz o Senhor que assim o quer!

Ars gratia artis

Hás-me tu de perguntar:
Por que falo eu de amor,
Em um mundo sofredor,
Co'a morte a o devastar.

Hás-me tu de perguntar
Se não choro eu tal dor,
Este mal desolador,
Que a tantos vai ceifar.

Hás-me tu de perguntar,
Por que vivo em torpor,
Com palavras a transpor,
Ignóbil, o penar.

Que resposta posso dar,
Se só com redondilhas,
Do Parnaso belas filhas,
Hei de a vida enfrentar?

Que resposta posso dar,
Se anseio maravilhas,
As mui belas almendrilhas,
Que as tem o poetar?

Que resposta posso dar,
Se eu sigo etéreas trilhas
E ao vil mundo tu te cilhas,
Que fel tem p'ra ofertar?

Herdeiros de Adão

Viajante de velha nau,
Vais novos mundos desbravar;
Tens saudades de Portugal,
Mas é preciso navegar!

Recebeste dos céus um fardo:
Serias tu, luso galhardo,
O defensor maior da Igreja,
Que a levaria aos homens bárbaros,
Descortinando os santos lábaros,
Únicas armas na peleja!

Depois de Ceuta arrematares,
Tu, então, anseias novos ares:
Cruzarás o Mar Tenebroso,
O Bojador intransponível,
Às tormentas insuscetível,
Por continente deslumbroso!

Viajante de velha nau,
Vais novos mundos desbravar,
Tens saudades de Portugal,
Mas é preciso navegar!

Foi por obra da Providência,
Que por mera coincidência
O Paraíso encontraria
Pedr'Álvares, com sua frota,

Navegando de Vasco a rota,
Que para as Índias conduzia.

Heroico povo português,
Exaltado sempre sereis,
Pois haveis cumprido a missão,
Nos quatro cantos desta Terra,
Onde fizestes Justa Guerra,
E vos destes em oblação.

Viajante de velha nau,
Vais novos mundos desbravar,
Tens saudades de Portugal,
Mas é preciso navegar!

13 de Abril de 2021.

(Minha) viagem ao Oriente

A um longínquo continente
Versos meus já dediquei:
Ao glorioso Oriente,
E outros mais dedicarei.

Imagino-me em viagem
Navegando por seus mares;
A prestar-lhes homenagem
Às suas terras milenares.

Numa Era imemorial
Do passado ou do presente.
Pouco importam, afinal,
Tais barreiras para a mente.

Mas limita-me a memória:
Sobre esse mundo eu só li,
E na minha trajetória,
Muitas coisas omiti!

Porque é lindo seu cenário,
Hei de agora registrar,
Nas folhas de meu diário,
Para sempre o contemplar.

A História mais me fascina
Dessa antiga e exótica Ásia:
Da Turquia à Palestina,

Entre o Egipto e a Malásia.

Sou fiel da Santa Igreja.
Foi por isso que eu refiz
Os percursos da peleja
Dos cristãos contra os gentis.

Eu sei que é monumental,
A distância a percorrer,
Na empreitada colossal
Que haverei de empreender.

Foi, portanto, necessário
Limitar-me a alguns locais:
Por melhor itinerário,
Fui por muitas capitais.

Os países escolhidos
Foram nove no total.
São aqueles mais providos
Do exotismo oriental.

Nalguns sítios demorei-me,
Mas nada pude fazer:
Com belezas encantei-me,
Que aquebrantavam meu ser!

Dalguns lugares eu fiz
Apenas meus entrepostos.
Deles partindo, infeliz,

Aos caminhos já supostos.

Navegando pelo Egeu,
Chego ao destino primeiro:
Grande Império precedeu
O turco povo guerreiro!

Turquia Otomana

No território da Europa,
Por começo da jornada,
Visitei Constantinopla,
Ou Bizâncio denodada.

As muralhas imponentes
Resguardavam a cidade
E os milhões de residentes
Do Islão e da Cristandade.

Conheci Santa Sofia,
E a mim tanto me encantaram
Os mosaicos de Maria,
Que meu choro provocaram.

Na airosa Mesquita Azul,
Deslumbrei-me c'os vitrais
Os mais belos da Istambul,
E os seis minaretes mais!

Como eu posso descrever,
A Mesquita do Magnífico?
Ele foi ali jazer,
O conquistador prolífico!

Na Igreja do Omnipotente
Lembrei-me da Roma Antiga...
Mas estava o Cristo ausente:
Era agora outra mesquita...

O palácio do sultão
Maomé conquistador,
Tem a Porta do Canhão
Desse Otomano invasor.

No Bazar que visitei,
Deleitou-me um festival,
E ali foi que mais gozei
A cultura oriental!

Que dizer daquela gente?
Da terra a maior riqueza.
Povo altivo e reverente,
Tem dos Turcos a nobreza.

Tantos outros monumentos,
Constantinopla ostentava.
Descrevi alguns portentos,
Dessa cidade encantada!

A seguir pela Anatólia,
Eu pensava nos cruzados,
Nos idos tempos de glória;
Relembrando os quatro Estados.

As terras da Edessa antiga
Balduíno arrematara.
Com Teodósio fez intriga,
E o domínio lhe tomara.

Dirigi-me, do Condado,
À cidade de Boemundo:
Antioquia, o Principado,
De longo cerco oriundo.

O Levante eu divisava,
Paragem da Terra Santa.
Qual a um franco na Cruzada,
Ele a mim tanto me encanta...

Líbano

Neste país tão pequeno,
Extasiou-me seu cenário!
O tradicional terreno
Do conflito sanguinário.

De Jerusalém vassalo,
Era o condado ocitano.
Foi Raimundo a conquistá-lo,

Do domínio muçulmano.

Ostenta muitos castelos:
O Belo Forte, o do Mar,
Testemunhas dos flagelos,
Que já teve de enfrentar.

Os seus vales infinitos
Eu contente percorri.
E os dois templos mais bonitos,
De Heliópolis eu vi.

Gloriosa cidadela
Tem a antiga capital:
É a Trípoli tão bela
Dum encanto sem igual!

Lá onde Europa nasceu
Não lhe pude resistir!
Ó Tiro do sonho meu,
Deixa que me perca em ti!

Foi já terra dos fenícios
Que inda tem as suas marcas:
Imponentes edifícios,
De numerosos monarcas.

As mesquitas, as igrejas,
Ali existem lado a lado.
São evidências soberbas

Dum glorioso passado!

Líbano maravilhoso,
Eu tenho que já deixar-te!
Despedir-me é doloroso,
Sempre o é para quem parte!

Pela Síria encantadora
É preciso agora errar.
Nessa terra sedutora,
Onde não alcança o mar!

Síria (Damasco)

É na capital, Damasco,
Na Cidade do Jasmim,
Que este lindo país vasto
Apresenta-se p'ra mim.

Cada recanto é histórico.
E eu me sinto um beduíno,
Um desbravador eufórico,
A cumprir o seu destino!

O complexo da Madraça
De Selim e Solimão,
É a derradeira casa
Do derradeiro sultão.

A antiguíssima Mesquita,
É das mais santas do Islã.
Enlevou-me na visita,
Por sua torre cristã!

O mausoléu do guerreiro,
Eu o visitei também.
De Saladino, altaneiro,
Que tomou Jerusalém!

E as mil igrejas de Cristo,
Do período bizantino!
Ó Damasco, não resisto
Por meu sangue de latino!

Percorrendo a *Via Recta*,
Do Apóstolo me lembrei:
E Ananias, o profeta,
Na memória acompanhei.

Ó meu Deus, ó meu Senhor!
Quanto à capital do Norte?
Vem o tempo a mim se opor;
Lá não vou antes da morte!

Ao percurso das Cruzadas,
Devo agora retornar:
As colinas desbravadas,
Por Terra Santa adentrar.

Palestina

Na histórica Palestina,
A Galileia transpus;
Por ser esta a minha sina:
A cidade de Jesus.

De Safed a Nazaré:
Onde um anjo do Senhor,
P'ra Maria e José,
Anunciou o Salvador!

O templo da Anunciação,
Nele prostrei-me, contrito.
E levei meu rosto ao chão
Daquele solo bendito!

Trago sempre a Bíblia Santa,
Dos fiéis a epopeia,
Qu'ao passado me transplanta,
Pois descreve a Galileia.

Esvaída a epifania,
Lembrei-me de São João D'Acre.
A cidade onde faria
Rei Ricardo o seu milagre.

Tanto mais há para ver!
Mas já não posso adiar.
Qual peregrino hei de ser:

Co' o Senhor a me chamar!

Admirando sua paisagem,
De Nablus faço o caminho.
Ao final dessa viagem,
De muralhas me avizinho.

O Damasceno Portão,
Eu contemplo, enquanto adentro,
A fazer uma oração,
Do Cristianismo o centro!

Tenho já a minha frente,
Do martírio de Jesus,
A Via Sacra dolente,
Onde levou a Sua cruz.

Ante a Senhora das Dores,
Ajoelhei-me a chorar.
A pensar nos vis horrores
Que viu seu Filho enfrentar!

Onde ao Senhor condenaram,
Dirigi-me, extasiado.
Foi ali que O flagelaram,
Para ao Calvário ser guiado!

A seguir aquela estrada,
Vejo a capela pequena
Onde foi compartilhada

A cruz co'o homem de Cirena.

Eia! cheguei, finalmente,
Ao Sepulcro no Calvário!
Sinto de emoções torrente
Vislumbrando-o, solitário!

Na magnífica fachada,
Eu distingo, na janela,
A inamovível escada,
E pergunto o porquê dela...

As colunas, as capelas,
A rotunda, com seu domo;
São as testemunhas velhas
Que me veem enquanto assomo.

No altar doirado do Monte,
Vi Jesus crucificado!
A trazer em Sua frente,
Um semblante imaculado!

Foi nosso Senhor ungido,
Por José de Arimateia.
A Pedra vi, comovido,
E a terei sempre na ideia.

Onde esteve Jesus Cristo,
Nos três dias de Sua morte,
Santo Sepulcro bendito,

Estonteou-me pelo portel!

Não consigo descrever,
Tudo aquilo que cá vejo.
Posso, então, compreender,
Do Papa Urbano o desejo!

Depois do Templo deixar,
Fiz a peregrinação
Ao fatídico lugar:
Getsémani da aflição.

No recanto onde ascendeu,
E findou terrena vida,
O Senhor que renasceu,
Foi uma igreja construída.

O meu desígnio final,
Era a tumba de Maria,
Da senhora divinal,
Que não mais ali jazia!

Que cidade tão bonita!
Queria vida aqui perder,
Ó Jerusalém bendita,
Se por tudo de ti ver!

Mas é longe o meu destino:
Ao Egipto agora irei,
Do mameluco ferino,

Donde às Índias rumarei!

Egipto

A Península desértica
Por três dias percorri:
Peregrinação profética,
Ao triunfo de *Louis*.

De Damietta a Mansura,
Pelo Nilo a navegar...
Pensava eu na desventura,
Que o Santo Rei teve lá.

Seguindo o curso do rio,
A paisagem me fascina;
Deste Egipto varonil...
Eis que o Cairo se aproxima!

Nessa histórica cidade,
De soslaio passarei.
Dela sinto já saudade,
E bem sei: não voltarei!

Esta terra é só passagem:
Irei por ingente oceano,
De monótona paisagem,
Ao Continente Indiano.

Do velho porto de Suez,
Numa nau navegaria
Mar transposto por Moisés,
Que seu povo conduzia.

Via Maris

A viagem foi tão longa,
Com as eventuais paradas:
Muitas delas sem delonga,
Não serão por mim narradas!

Eu senti-me um português,
Nas Grandes Navegações,
A marchar mais uma vez
Contra os inimigos canhões.

Ao sair de Maçua,
Dessa ruína otomana,
Fomos a Socotorá,
Donde o Dragoeiro emana.

No Mar da Arábia, em Omã,
Nós parámos na Mascate;
A antiga terra cristã,
De Dom Afonso arremate.

E na Goa tão querida,
Relembrei Vasco da Gama,
Que em Cochim deu sua vida

Por ser Índia lusitana!

Passámos por Cananor,
Terra da alma portuguesa:
Onde o luso destemor
Fez ingente Fortaleza!

Ao passarmos pelo Estreito.
Vem à mente a Flor do Mar.
E Malaca, satisfeito,
Finalmente hei de adentrar!

Malásia (Malaca)

Esse antigo sultanato
Foi de Portugal primeiro;
Seria depois tomado
Por calvinista inzoneiro.

A Porta que é tão Famosa,
Eu contemplava, intrigado,
A imaginá-la, alterosa,
Nas batalhas do passado.

A Igreja d'Anunciada,
Onde esteve São Francisco,
Vi que fora profanada,
Pelo protestante arisco.

A influência dos gentios,
Em Malaca era evidente...
Eu não via nela brios,
E isso digo francamente.

A cidade percorrida,
Por Jacarta sigo agora.
Está quase concluída,
A viagem que demora.

Indonésia

Na Batávia doutros tempos,
Eu passei rapidamente,
Contemplando os monumentos
Duma Indonésia valente.

Deixando Java e Jacarta,
Por final do meu caminho,
Eu rumei para Sumatra,
Que é terra do meu carinho...

Ocidente

Retornando deste sonho,
Eu me dou por satisfeito:
Sendo meu viver tristonho,
Só em sonhos é perfeito.

De visitar o Oriente
Eu tive sempre o desejo...
Mas não posso, estou doente,
Minha morte já prevejo.

Eis que partirei feliz,
E aos meus livros agradeço,
Pois a viagem que eu fiz
Teve neles seu começo.



Caminho de Damasco

Bem sei, já muito escrevi eu:
Materializações dum ser
Que nunca amou, mas que sofreu,
Pois tinha nisso seu prazer.

Tão repetida a mesma sina,
Tornou-se mesmo ladainha
De alguém que certa dor carpina,
Transcendental, como era a minha!

Mas, por Amor, vós que lereis,
Fez-me o Divino Redentor,
Na perfeição de Suas Leis,
Das boas-novas portador.

Era mister manifestar,
Em todo homem racional,
O mais perfeito deleitar
Que existe na alma imortal!

Conheci mesmo liberdade,
De qualquer Arte um atributo,
Ao exortar a santidade
E ao Criador render-lhe culto!

É-me, pois, fado, ó leitores,
Por escrever e ser cristão,
Sem nesse mundo ter louvores,
Fazer da escrita pregação!

Acedia

O Santo Espírito Divino
Ao homem deu sete virtudes,
Que para ti são desatino,
Por demandarem atitudes...

Afeito não és aos amores,
A gozos e cousas terrenas;
Se aqui não choras dissabores,
Estão no Além tuas duras penas

Nos braços de *Hipnos* e *Morpheu*
Convictamente aconchegado;
Ignoras o dia que nasceu,
Só à desídia dedicado!

És qual escravo satisfeito
Nessa silente e terna calma...
E enquanto dormes sobre o leito,
No Inferno acorda a tua alma!

17 de fevereiro de 2022.

Superbia

Por ser a rosa tão fermosa,
Por suas cores, seus olores,
Tornou-se planta vaidosa,
A desdenhar das demais flores.

Nos verdes campos da campina,
Rosas perfeitas reunidas
São mesmo toga bizantina,
Pelas abelhas preferidas.

Para a vaidade elas existem,
Para aos incautos encantar.
Da vaidade não desistem:
Incautos há por cativar!

Mas tal beleza sem igual
É um perigo para a rosa:
O enamorado ergue o punhal
E escolhe a flor que é mais fermosa...

Cum nimis absurdum

De meu Amor já sou descrente!
Quando vemos outros casais,
Asseveram-me a mim os ais:
«És um amante diferente!»

Se eu cultivo algum sentimento,
Entrego-me com devoção,
E faço sempre o juramento
De sempiterna adoração!

Eis o motivo da descrença:
Depois que perco o encantamento,
Abate-me sofrer cruento,
Pois só me resta a indiferença!

A Vontade em mim prevalece,
Pois é o tédio insuportável.
E sempre que o amor acontece,
Cria-se um ciclo inescapável!

18 de abril de 2021.

Magnificat

Senhora, tende piedade
De quem Vos ama de verdade;
De mim, um simples trovador,
Vosso fiel adorador!

Vós Vos ristes quando falei
Que seguiria a Vossa lei:
Se a minha vida me pedirdes,
Tereis! por meu amor sentirdes!

Eu já nem rogo ao Criador,
Tornei-me um pobre pecador;
Que só a Vós sabe rogar,
Para poder-Vos sempre amar!

Senhora, piedade eu peço,
Pois um desejo não confesso...
Sei que jamais terei coragem
De Vos beijar a santa imagem!

17 de maio de 2021.

Trovadorismo

Nunca me digas, portuguesa,
Que a mim serás sempre fiel;
Pois tu pertences à Nobreza,
E não sou mais que um menestrel!

És para mim inspiração,
Musa de tantos madrigais;
Mas nós sabemos que paixão
Não vai chegar para os teus pais!

Tens por destino ser Duquesa:
Hás de cumprir este papel
Perante a fina realeza,
Quando o fidalgo erguer-te o véu.

Oh! quem me dera ser sultão,
Ou mesmo um nobre como os mais;
Para pedir a tua mão,
Na tradição dos ancestrais!

29 e 30 de dezembro de 2021.

Inter caetera

Eis que chegaram os valentes,
P'ra conquistar o Novo Mundo,
A esse solo mui fecundo;
Rico em árvores, rico em gentes!

Uma vida de placidez
A mil agruras deu lugar:
«É necessário devastar»
Dizia assim o português!

Deram-vos fé, a lei e um rei,
Da barbárie fostes libertos...
E levaram navios repletos
Da virgem mata, a vossa grei!

Quando o verde fez-se doirado,
Não houve pau, não houve rio,
Que resistisse ao desvario
Do Bandeirante devassado!

A terra lágrima verteu!
E mesmo sendo generosa,
Por tal loucura desditosa,
O seu maná desvaneceu.

Por que hoje, afinal, fazeis vós,
No apogeu da epopeia humana,
Finda a aventura lusitana,
Que vos fizeram os avós!?

Omne datum optimum

O que desejo é só tocar-te...
Tocar em ti, que és maior arte,
Pelo Senhor tão esmerada,
De Imagem Santa originada!

Pois que dizem as Escrituras:
Todas as dádivas mais puras
Dos céus descendem sobre nós,
Para ouvirmos de Deus a voz!

Deleitaram-se meus sentidos
Co'a redenção feita senhora;
E os sofrimentos já vividos
Não existiam como outrora!

Eis-me aqui, bem-aventurado...
Senhor! errei, errei, perdão!
Fui atraído e engodado...
Ela era apenas tentação!

03 de setembro de 2021.

Pecatum originale

Mulher nenhuma sabe amar,
Não adianta procurar!
Deixemos disso, ó rapazes,
Elas são mesmo assim, fugazes!

Nós homens somos tão simplórios:
Uns juramentos ilusórios
E já nos damos por inteiro
Com sentimento verdadeiro!

As moças sabem da fraqueza
Que os moços têm, por natureza;
Elas não querem um amante,
Mas aventura estimulante!

Quando a paixão tem seu final,
Fica o rapaz sentimental!
Perde os seus dias a beber;
Não tem na vida mais prazer.

Para a mulher, nada mudou:
Foi só mais um que maltratou...
P'ra seu agir trouxe à memória
De Eva e Adão a trajetória!

02 de junho de 2022.

Luxuria

Dado aos prazeres, dado ao vinho,
Amas, no teu viver mesquinho,
As doudas ninfas do Dioniso,
Que ostentam sempre dele o tirso.

Deitas em morros de luxúrias!
Ventres das musas mais espúrias
Não te saciam os desejos:
Queres deleites mais sobejos!

Sôfrego servo de *Hedonê*,
Que por seu templo tem nudez,
Vilipendias *Psiquê*,
Perdido em torpe insensatez.

Faz-te feliz assim viver,
A Salvação pouco te importa!
Mas não esqueças que o prazer
A morte traz bem junto à porta!

12 e 13 de fevereiro de 2022.

Dancemos, então!

Eu me lembro, ainda,
De ti, no salão:
Tu estavas tão linda,
E deste-me a mão.

Dançámos, querida,
Ao som do refrão
Da valsa sentida:
A Fascinação!

Um beijo pedi,
Disseste que não...
Tristezas senti
Em meu coração!

Por dores fremiti!
Imploro o perdão!
Deixaste-me ali...
Ó vil traição!

Eu não te vi mais
Desde aquele dia;
E choro os meus ais,
Numa alcova fria!

Nunca saberás
Que me apaixonei;
Que esta ânsia voraz,

Não saciarei.
Por onde andará?
Quiçá no salão!?
Enfim voltarás
A dar-me tua mão!?

Dancemos, querida!
Ao som do refrão,
Da valsa sentida,
A Fascinação!

Se um beijo eu pedir,
Que me digas não!
Vou mesmo sorrir:
Dancemos, então!

Junho de 2021.

Coup de foudre

Por mim passou, hoje na rua,
Perfeita imagem de mulher;
Resplandecia como a lua,
Era tal qual o homem quer!

Ela me olhou, rapidamente.
Nem deve ter se apercebido
Que esse seu gesto, tão somente,
Deixou-me o peito entumecido!

Mas de falar-lhe tive medo...
Vou adorar só em segredo
Àquela deusa escultural;
Hei de erigir um pedestal!

Desvaneceu, hoje na rua,
Perfeita imagem de mulher;
Resplandecente como a lua,
Era tal qual o homem quer!

(Na rua Aprígio Veloso, em frente à UFCG, 08 de julho de 2022)

Receita para destruir o Amor

Não seguir esta receita,
 Em não sendo vós poetas.
Porque ela só foi feita
Para as almas inquietas!

É tão pouco o necessário:
 Só um ingrediente,
P'ra o Amor, em seu calvário,
Esvair-se, finalmente!

Bastará a qualquer um
 Seguir o exemplo meu:
Amar dum jeito incomum
A quem nunca mereceu.

Quanto ao modo de preparo,
 É mui simples, também:
Que sejais maior amparo
De quem não vos queira bem.

Ao final desse processo,
 Alguns anos passados,
Vós tereis grande sucesso:
Vossos sonhos destroçados.

E o Amor que em vós havia
 Já não haverá mais.
Persistindo, todavia,
Para sempre os vossos ais!

Stipendium peccati mors est

Ó Cristo Santo, de Deus filho,
Tende piedade de mim!
Perante Vós aqui me humilho;
Já chega a hora de meu fim...

Eu sou humano, pecador,
E muitos erros cometi!
Mas confessei-os, meu Senhor,
E eis que Vosso perdão pedi...

Porém, um deles não confesso,
De Vossa ira tenho receio:
Perdão, Senhor, nem mesmo peço,
Porque um instinto eu não refreio!

Ó Cristo Santo, de Deus filho,
Tende piedade de mim!
O meu viver não tem mais brilho,
Pois o pecado fê-lo assim!

Arquétipos

Eva

Foste vítima da serpente;
E todo sofrimento humano,
Nesse universo decadente,
É o fruto de teu engano!

Foste vítima da malícia
Daquele ser astucioso...
E eis que aprendeste, com perícia,
O seu ofício desditoso!

Maria

Mas o pecado original
Foi por teu ventre dirimido:
Na santa noite de Natal,
Com o messias prometido!

Mas, virgem pura entre as demais,
Estás nos céus a interceder
Ao Deus dos nossos ancestrais,
Para livrar-nos do sofrer!

02 de julho de 2021.

Canção do exílio?

São tantos os que têm saudades
Do país que outrora deixaram;
Dos amores, das amizades
Que no seu berço cultivaram!

É esse caso natural!
E eu, como todo brasileiro,
Amo a minha terra natal,
O meu Brasil lindo e trigueiro.

Porém, trago vivo no peito
Sentimento que não controlo,
E que também eu não rejeito:
Minha afeição por outro solo!

Eu me refiro a Portugal,
A pátria mãe de tantos mundos:
Por seu cuidado maternal,
Tenho os anseios mais profundos.

Um dia eu sei que trilharei
O caminho da velha nau;
Para o seio de minha grei,
No tão saudoso Portugal!

22 de maio de 2021.

Vox in excelso

Sejais, ó Senhor,
Bom Deus Redentor,
A todos propício
Em nosso suplício!

Guieis, ó Jesus,
Do mundo sois Luz,
Os nossos caminhos
Tão cheios de espinhos!

Oreis, ó Rainha,
Querida Mãezinha,
Por nós que rogamos,
Que tanto pecamos!

Rendei, pecadores,
Aos Céus tais louvores:
Sereis perdoados,
Do Inferno livrados!

Laetentur Caeli

Nas mais recônditas paragens
De toda Terra;
Em desertos, matas selvagens,
Hoje se encerra;
De ebúrneo mármore, em madeira,
Ou ao relento;
A residência derradeira
Dalgum Portento.
Podem passar mais de mil anos
Que a Natureza
Afastará males e danos,
Pela pureza;
Do corpo que ora jaz inerte,
Em estupor;
A esperar quando o desperte
Nosso Senhor!
E então no dia do Juízo,
Quando acordar,
Ascenderá ao Paraíso...
Vai contemplar,
Por fim, a terra prometida,
Seu ideal!
E gozará da eterna vida
Celestial!

17 e 18 de dezembro de 2021.

Exsurge Domine!

Eu espero ainda o dia,
Se Jesus quiser assim,
Quando a nossa Monarquia
Restaurada seja enfim!

Eu espero ainda o dia
Em que a Santa Religião,
A figura de Maria,
Do Rei sejam profissão!

Eu espero ainda o dia
Quando o povo brasileiro,
Num momento de alegria,
Brade «vivas» ao herdeiro!

Eu espero, pois, o dia
Em que o choro da nação
Cumpra a velha profecia:
Traga D. Sebastião!

Lamento ou idílica elegia

Ó meus irmãos, não percebeis
Que a ganância do burguês
Nosso país vai arruinar?
Ó Nobre povo português,
Por que te deixas dominar?

De Portugal hoje as cidades
Ofuscam nossas liberdades,
P'ra nós perderam os encantos!
Por isso que temos saudades
Da mansidão dos lusos campos:

Nos arredores de Lisboa,
Plácido canto ainda ecoa
Dos tentilhões, das andorinhas,
Que aos ouvidos abençoa
De quem se perde em meio às vinhas!

E mais adentro do país
Há os olores mui gentis
Das lindas flores do Alentejo,
Que das colinas são matiz,
E que aos chaparros dão vicejo.

Nas serras, nos bosques de Algarves,
Onde há medronhos, onde as aves
Fazem belíssimo espetáculo,
Esquece o homem as cidades:

Troca a bengala por um báculo!

Eis que, entre montes, o rio Douro
Criou o Vale do Tesouro,
A nossa Arcádia portuguesa!
Das nove musas bebedouro,
E dos poetas fortaleza!

Não percebeis, ó irmãos meus,
Que o Glorioso e Eterno Deus
Abençoou-nos grandemente;
E aos outros povos europeus
Escravos fê-los tão somente?

25 de março de 2022

Arcádia Lusitana

Linda paisagem portuguesa,
Que vais do Minho ao Timor,
És-me a perfeita natureza!
Linda paisagem portuguesa,
Foste domada, ó princesa,
Por lusitano destemor;
Linda paisagem portuguesa,
Que vais do Minho ao Timor!

De Portugal linda paisagem,
Que sem Timor tens só o Minho,
Ainda és tu perfeita imagem!
De Portugal linda paisagem,
Rendo-te minha homenagem,
Porque me dás teu verde vinho;
De Portugal linda paisagem,
Que sem Timor tens só o Minho!

23 e 24 de março de 2022.

Earthly delights

O que queres tu de mim?
Queres beijos e carícias,
Queres rosas e jasmim?
Ou quem sabe outras delícias,
Em um leito de cetim?

E o que quero de ti eu?
Quero beijos e delícias,
Quero ser p'ra ti Romeu;
E dizer-te, com carícias:
Vem ser minha; serei teu!

15 de fevereiro de 2022.

Saudades do Passado

Duzentos anos,
Bravos irmãos.
Mil desenganos;
E sonhos vão!

Que triste dia,
Pobres de nós,
Em que se ouvia
De Pedro a voz!

Eis meu País
Longe da grei:
Povos febris,
Sem Deus, sem Rei!

Em Portugal
E no Brasil
Tem nosso aval
Duarte Pio!

Por restaurar
Império ingente;
Cruzeis o mar,
Ó lusa gente!

23 de dezembro de 2021.

Triolet do Amor Divino

É preciso amar a Deus,
Amar a Deus é preciso!
Ainda mais que aos planos meus,
É preciso amar a Deus!
Inda mais que aos encantos seus,
Vão ideal de Paraíso,
É preciso amar a Deus,
Amar a Deus é preciso!

Tende piedade, Senhor;
Senhor, tende piedade!
Porque é tão grande o Vosso Amor,
Tende piedade, Senhor!
Porque sou fraco e pecador,
Se não Vos amo de verdade,
Tende piedade, Senhor;
Senhor, tende piedade!

05 de março de 2022.

Cum hora undecima

Numa sinistra catedral,
 Escura e fria,
Rompe o silêncio sepulcral:
 «Ave Maria! ».
É o clamor d'alguém que chora,
 Desesperado,
E que ante o altar perdão implora,
 Por ter pecado!
Eis que a Madona ele avistou
 No alto da nave;
Tendo ao seu lado o Salvador,
 Em majestade!
Somente imagens arruinadas
 Agora são;
Que para trás foram deixadas
 No Armagedão!
Hoje, não há mais esperança,
 E a Humanidade,
Vai receber penosa herança
 Da iniquidade!
Anjos, então, em negras vestes,
 Cantam em coro:
«Já longe vão hostes celestes»...
 Ouve-se choro!

1º de janeiro de 2022.

EPÍLOGO

Ao final desses Primeiros Passos, longe ainda do alto cume do Parnaso, aonde, talvez, nunca lhe seja possível chegar, o vate depara-se com uma musa. Não era *Calíope*, mas com esta compartilhava a bela voz e sua grande eloquência. Também não era *Erato* ou *Euterpe*, apesar de ao poeta inspirar-lhe uma miríade infindável de versos de amor em adoração às qualidades físicas e artísticas daquela misteriosa diva.

Não era, outrossim, quaisquer das demais Entidades que habitavam, ocasionalmente, aquele glorioso recanto, mas com todas compartilhava os melhores e mais característicos atributos!

Viu-se o neófito entusiasta da Arte Poética totalmente envolto nos encantos daquela que viria a ser a sua Senhora, a dominar todos os seus sentidos. Quem poderia conquistar totalmente o coração dum moço e cativar-lhe mais que sua Pátria ou mesmo a sua Religião?

O sabido, de fato, é que o nome de tal avassaladora musa, outrora desconhecida do cantor, rimava com o de uma arte que já dele era bem querida: a História...

1º de setembro de 2022.